



O CHAMADO
CRISTÃO À
JUSTIÇA
SOCIAL

PETER SAUNDERS

THE CHRISTIAN CALL TO SOCIAL JUSTICE - Tradução
© 2017 Peter Saunders

O CHAMADO CRISTÃO À JUSTIÇA SOCIAL
© 2017 Peter Saunders

Peter Saunders tem os direitos autorais desta obra sob o *Copyright, Design and Patents Act*, 1988, identificado como Autor desse trabalho.
Publicado por Christian Medical Fellowship

@Médicos de Cristo, 2020

ISBN: 978-65-992518-1-8

Tradução e Revisão: Médicos de Cristo

Bruna Moreira de Souza Proença,
Flavia Figueiró da Fonseca,
Lais Tamara de Oliveira Dias,
Luiza Araújo Diniz,
Mireille Caroline Silva de Miranda Gomes,
Sofia Lannes Tolentino.

A *Wilberforce Academy* é uma conferência anual do Reino Unido que treina estudantes e jovens profissionais apaixonados por servir a Jesus Cristo em uma variedade de vocações, incluindo direito, política, educação, mídia, artes e negócios.

Ela prepara aqueles que foram delegados para a liderança com coração de servo, centrada em Cristo, na vida pública, tendo sido equipada com uma estrutura bíblica robusta que orienta seus pensamentos, orações e atividades na abordagem dos problemas que nossa sociedade enfrenta. Ela também fornece uma plataforma para amizades duradouras com colegas e mentores que serão uma fonte de apoio, encorajamento e responsabilidade pelos anos que virão.

A seguinte palestra foi ministrada pelo Dr. Peter Saunders, Chefe Executivo da *Christian Medical Fellowship*, no banquete final da *Wilberforce Academy*, em *Cambridge*, em setembro de 2014.

Gostaria de falar com vocês sobre um jovem que veio para *Cambridge* aos 17 anos, há alguns anos atrás, e cujo nome vocês reconhecerão, já que esta academia foi nomeada em sua homenagem.

Sim, estou falando de William Wilberforce. Wilberforce é claramente mais conhecido pelo seu trabalho na abolição do tráfico de escravos. Se você assistir ao filme *Amazing Grace*, você deve ser perdoado por não entender o fato de que Wilberforce também era um cristão evangélico profundamente comprometido.

Ele nasceu em 1759 e morreu em 1833 aos 73 anos. Wilberforce era casado e fez todo esse trabalho com o apoio de sua esposa. Ele também teve seis filhos. Eu acho isso fascinante. Seis crianças não impediram que Wilberforce causasse um impacto maciço e, de fato, se você ler sua biografia, verá que Deus usou sua família, e especialmente suas brincadeiras despreocupadas com seus filhos, para manter Wilberforce sadio durante todos aqueles dias. Ele simplesmente amava passar tempo com seus filhos.

Mas, para realmente entender Wilberforce, precisamos compreender a época na qual ele viveu, porque ele nasceu exatamente quando o avivamento evangélico estava decolando na Grã-Bretanha e John Wesley e George Whitefield estavam pregando por todo o país. Whitefield foi provavelmente o maior pregador que o mundo já viu, cruzando o Atlântico de ponta a ponta várias vezes. Ele tinha a voz mais incrível, a qual você podia ouvir a dez quarteirões de distância.

Um dos maiores atores da época disse que daria uma pequena fortuna apenas para ser capaz de dizer “Oh” como o Sr. Whitefield dizia. Na América, Whitefield conheceu e trabalhou com o famoso congregacionista americano Jonathan Edwards, o qual Deus usou para ajudar a desencadear o *Great Awakening* (Grande Avivamento) na Nova Inglaterra. Em 1792, William Carey foi com a *Baptist Mission Society* (Sociedade Batista Missionária) para a Índia, o primeiro missionário para os países em desenvolvimento, catalisando o movimento missionário moderno.

Pouco tempo depois, no início de 1800, veio a incrível reforma social que se seguiu à abolição do tráfico de escravos. Este também foi o período em que o Rei Jorge III (o “Louco Rei Jorge”) estava perdendo a América e o Capitão James Cook estava descobrindo países como Nova Zelândia e Austrália. A Revolução Francesa também estava decolando e o Iluminismo estava se instalando.

Havia uma disparidade inacreditável entre ricos e pobres, com grande agitação social e com enormes necessidades sociais e espirituais.

Foi em meio a esse período incrivelmente turbulento, em 1776, que um jovem de apenas 17 anos foi para o *St John's College* em Cambridge. Wilberforce era um membro reprovável da classe alta, inclinado às apostas e às bebedeiras noturnas. Logo após sua chegada, ele fez amizade com outra pessoa de disposição muito semelhante a sua, chamado William Pitt. Eles se tornaram melhores amigos e disseram, em tom de brincadeira: “Vamos concorrer ao Parlamento”. Eles o fizeram. Foram eleitos com seus vinte anos e, três anos depois, William Pitt era o Primeiro Ministro do país. Tudo isso aconteceu antes que qualquer despertar espiritual ocorresse em Wilberforce.

Foi, na realidade, quase que como em uma piada ou em uma reflexão tardia que seu amigo Isaac Milner disse: “Vamos para a Riviera Francesa. Como material de leitura, utilizaremos este livro chamado *The Rise & Progress of Religion in the Soul* (A Ascensão e o Progresso da Religião na Alma), de Philip Doddridge.”. Mais tarde, Milner se tornaria matemático, inventor, presidente do *Queen's College* em Cambridge, e Professor Lucasiano de Matemática. Juntamente com Charles Simeon, ele também seria amplamente responsável pelo avivamento evangélico em Cambridge. Você também pode reconhecer o nome Doddridge como um dos mais famosos compositores de hinos do avivamento evangélico.

Por meio da leitura de seu livro, Wilberforce ficou profundamente comovido e isso levou a sua conversão. Nessa época, ele já estava no Parlamento há cinco anos e sua conversão desencadeou uma profunda crise moral, pois ele começou a pensar que Deus não poderia, de forma alguma, usar um político. Ele se angustiou pensando se deveria estar fazendo algo mais “espiritual”, como entrar no ministério pastoral. Assim, foi pedir conselhos ao pastor de *St Mary's* em Londres - John Newton.

John Newton, é claro, era o comerciante de escravos que escreveu o hino mais famoso já escrito, *Amazing Grace* (Maravilhosa Graça). Ele aconselhou fortemente Wilberforce a não deixar o Parlamento. Foi apenas alguns anos mais tarde que Wilberforce teve dois encontros realmente decisivos.

Seu primeiro encontro foi com um colega do seu tempo em *St John's* chamado Charles Clarkson, que estava profundamente empenhado em relação ao comércio de escravos.

Clarkson havia acabado de escrever uma dissertação para sua formação universitária na temática do tráfico de escravos, a qual estava prestes a publicar, e que veio a se tornar a base da conversão de Wilberforce a respeito dessa questão.

Seu segundo encontro foi com William Pitt e William Grenville. Foi na casa de William Pitt, em Kent, que esses três ricos Williams - Pitt, Wilberforce e Grenville - tiveram, debaixo de um carvalho, uma conversa sobre a escravidão que iria transformar o mundo. Pitt era Primeiro Ministro na época e estava em meados dos seus vinte anos. Grenville se tornaria o Primeiro Ministro após Pitt. Todos eles estavam preocupados com o comércio de escravos, mas nem Grenville nem Pitt estavam em um cargo que os permitisse liderar a acusação contra o tráfico. E então eles disseram a Wilberforce: “William, ao contrário de nós, você é um membro do parlamento independente, você precisa assumir a questão da abolição da escravidão.”

Assim, vemos o quão importante é receber conselhos sábios em momentos críticos. Por meio da providência de Deus, Newton, Pitt e Grenville estavam lá no exato momento em que Wilberforce estava pensando em todos esses assuntos.

Muitos só conhecem Wilberforce por sua batalha contra o tráfico de escravos. Mas em uma anotação de diário feita em 1787, ele disse que o Deus Todo Poderoso havia posto diante dele dois grandes objetivos: a supressão do tráfico de escravos e a reforma da moral ou dos costumes. Ele não estava escrevendo isso como um moralista ou como alguém que estava puramente preocupado com ética. No livro escrito por ele naquela época, *A Practical View of Christianity* (Uma Visão Prática do Cristianismo), ele expôs toda a sua filosofia.

Você terá que perdoar a linguagem arcaica em alguns pontos, mas, em essência, ele disse que haviam quatro coisas realmente importantes. A primeira foi “doutrinas peculiares”. Doutrinas peculiares levaram a “afetos verdadeiros”. Afetos verdadeiros levaram à “transformação moral” e a transformação moral levou à “reforma política”.

Deixe-me traduzir isso para você. Wilberforce estava dizendo que as crenças cristãs mudam corações, que, por sua vez, mudam vidas e que, então, transformam a sociedade. As “doutrinas peculiares” incluíam: uma crença na depravação humana, o fato de que todos somos pecadores destituídos da glória de Deus; julgamento divino, a realidade de que a morte leva ao julgamento e a um dos dois destinos para todo ser humano; a obra substitutiva de Cristo na cruz, sua morte em nosso favor; justificação pela fé; regeneração e a obra do Espírito Santo levando a uma vida transformada de boas ações. Você não pode entender Wilberforce sem entender que tudo o que ele acreditava e fazia estava construído sobre esse fundamento evangélico. Tudo o que se seguiu fluiu disso.

Se analisarmos a contribuição de Wilberforce ao longo dos anos e as muitas coisas nas quais ele esteve envolvido além do tráfico de escravos, aprendemos que ele era um dos membros fundadores do *Clapham Sect*. O *Clapham Sect* era um grupo de empresários e políticos cristãos, outros profissionais, pastores e ministros, que viviam perto de *Clapham Common* em Londres, e que estavam comprometidos com esses mesmos quatro princípios. Eles estavam empenhados na transformação da sociedade em toda uma série de níveis. Eles estavam preocupados com limpadores de chaminés, com trabalho infantil, com crueldade com animais, com reforma prisional e com restrição da pena de morte. Mas uma grande quantidade do investimento pessoal de Wilberforce, em termos de relacionamentos e de dinheiro, entrou na formação do movimento da Escola Dominical. Se você conhece nossa história, saberá que as frequências da Escola Dominical na Grã-Bretanha atingiram o pico em 1860, quando 70% das crianças neste país estavam envolvidas. Você pode rastrear, mais ou menos, o declínio da cultura britânica subsequentemente, com a queda na frequência das escolas dominicais: até 50% na virada do século XIX e para cerca de 3% até o ano 2000.

Nós falamos muito sobre campos missionários atualmente. Pessoas irão falar sobre a janela 10º/40º, entre 10º e 40º ao norte do equador, onde a maioria dos grupos de pessoas não alcançadas no mundo vive. Mas há outro campo missionário crítico - a janela 4º/14º - crianças entre 4 e 14 anos que têm uma incrível capacidade de aprender a fé cristã e que precisam ser ensinadas porque, eventualmente, estarão liderando a igreja. Wilberforce reconheceu isso. Ele foi um benfeitor incrivelmente generoso que apoiou muitas paróquias da igreja, que pagou as dívidas das pessoas e que também estava profundamente comprometido com a missão mundial. Ele também foi um dos fundadores da *Church Mission Society* - CMS (Sociedade Missionária da Igreja), que era uma das mais de seis sociedades missionárias, muitas das quais ainda hoje estão em funcionamento. Estas começaram na última década do século XVIII e no início dos anos 1800. Wilberforce esteve envolvido em todas essas iniciativas.

Ele deu seu primeiro discurso sobre a escravidão em 1789. Foram dois anos depois que o primeiro projeto de lei foi apresentado e ele falou por quatro horas no Parlamento, defendendo doze pontos detalhadamente e com tremenda eloquência. Ele perdeu a votação por 163 a 88, mas prosseguiu ao longo dos 18 anos seguintes até que, finalmente, projeto de lei após projeto de lei, discurso após discurso e mais *lobbying* em todos os níveis do que poderíamos imaginar, ele obteve sua vitória. Em

1807, no dia 25 de março, finalmente, o Ato de Abolição do Comércio de Escravos passou por uma incrível maioria de 283 a 16. Apenas três dias antes de sua morte, em 1833, a Lei da Abolição da Escravidão, que tornou a escravidão ilegal em todo o Império Britânico, foi aprovada. Depois disso, vimos mudanças semelhantes nos Estados Unidos em meados do século XIX.

Alguns anos antes, John Newton, que foi em muitos aspectos um mentor para Wilberforce, disse-lhe: “O Senhor te levantou para o bem da Igreja e para o bem da sociedade.”. Da mesma forma, o Senhor tem levantado pessoas da nova geração neste momento crítico na história - com novos desafios, mas não menos intimidadores - para o bem da Igreja e para o bem da sociedade. Esteja você envolvido no governo, mídia ou direito, profissões, artes cênicas ou o que quer que seja, a *Clapham Sect* de hoje é a nossa visão.

É disso que se trata a *Wilberforce Academy*. Certamente, não há nada de novo acerca da preocupação social. Conhecemos muitos dos grandes líderes ao longo da história da Igreja, desde os Pais da Igreja dos quatro primeiros séculos até pessoas como John Newton, John Owen, Jonathan Edwards, Wesley e outros. Todos tiveram essa visão. Mas é claro que a preocupação com a ação social remonta à própria Escritura.

Não precisamos procurar muito no Antigo Testamento para encontrar exemplos impressionantes de pessoas que serviram em estados seculares ou politeístas em um nível muito elevado, homens e mulheres de Deus que tiveram uma influência fenomenal na história das civilizações as quais serviram. José era o número dois no império egípcio com apenas 30 anos. Neemias era copeiro do rei da Pérsia, um ministro sênior do governo que foi e reconstruiu Jerusalém. Ester foi casada com o rei da Pérsia. Mordecai, seu primo, serviu no gabinete do rei; e, claro, no império mais opressivo de todos, Babilônia, Daniel e seus quatro amigos se destacaram, porque Deus os colocou lá.

Nós não devemos estar sob nenhuma ilusão. Não estamos tentando construir o céu na Terra. Esperamos o retorno de Cristo para o estabelecimento de um novo céu e da nova Terra, mas ainda assim somos chamados na geração em que fomos colocados para ser sal e luz, para “não ser deste mundo”, mas estar profundamente engajado nele e influenciar a direção da cultura.

“Babilônia” é um tema importante nas Escrituras. O apóstolo Pedro escreve sobre ele. João fala acerca dele em Apocalipse. Paulo fala sobre ele. Estamos vivendo

na Babilônia hoje. Nós estamos vivendo em um estado que, em muitos aspectos, é hostil à fé e aos valores cristãos. Mas a questão é, “Como vivemos na Babilônia?”. A Babilônia é simplesmente uma oportunidade de nos retirarmos para nossos guetos escapistas a fim de cuidar e partilhar e criar nossas próprias pequenas comunidades seguras? Não. O modo como devemos viver na Babilônia se trata de estarmos totalmente engajados nela. Você deve se lembrar de que quando o povo judeu estava no exílio na Babilônia, o profeta Jeremias falou a palavra de Deus para eles. Ele lhes deu estas palavras de Jeremias 29:

*Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados, que deportei de Jerusalém para a Babilônia:
‘Construam casas e habitem nelas; plantem jardins e comam de seus frutos. Casem-se e tenham filhos e filhas; escolham mulheres para casar-se com seus filhos e dêem as suas filhas em casamento, para que também tenham filhos e filhas. Multipliquem-se e não diminuam. Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela’. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos.
(Jeremias 29:4-8)*

Ele continua:

“Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, “planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro. Então vocês clamarão a mim, virão orar a mim, e eu os ouvirei. Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração. Eu me deixarei ser encontrado por vocês”, declara o Senhor, “e os trarei de volta do cativeiro. Eu os reunirei de todas as nações e de todos os lugares para onde eu os dispersei, e os trarei de volta para o lugar de onde os deportei”, diz o Senhor.” (Jeremias 29: 11–14)

Como podemos ver, eles estavam no exílio em um lugar hostil, a Babilônia, mas foram chamados a se envolver totalmente nessa sociedade, a se estabelecer, a viver nela, a servi-la e a influenciá-la. Eles receberam a promessa de seu retorno a Jerusalém e, é claro, acabaram voltando.

Da mesma forma, estamos na Babilônia hoje. Somos estrangeiros e exilados da mesma maneira e somos chamados a nos engajar nesta sociedade. Esperamos ansiosamente a nova Jerusalém, o novo céu e a nova Terra, mas, enquanto isso, estaremos envolvidos como eles, construiremos casas e nos estabeleceremos, plantaremos árvores, comeremos o que produzem, casaremos, teremos filhos e filhas e buscaremos a paz e a prosperidade na cidade em que fomos colocados.

Por que os exilados judeus foram convidados a fazer isso? O que estava por trás de tudo isso?

Eles foram instruídos dessa maneira porque é o mundo de Deus. O Salmo 24 diz que “A terra é do Senhor e daqueles que nela habitam”. Tudo pertence a Deus. A Babilônia pertence a Deus, porque Jesus governa sobre toda a criação à direita de Deus.

Deus é absolutamente soberano sobre a ascensão e queda das nações. Ele coloca reis no poder e os remove. Ele ergue impérios e os derruba. É o mundo de Deus porque Deus julgará, porque todo líder, todos os que têm autoridade em todas as nações um dia se curvarão de joelhos diante de Jesus Cristo e prestarão contas do modo como viveram suas vidas.

É o mundo de Deus e é por isso que os apóstolos nos chamam a estar sujeitos às autoridades governamentais, a sermos bons cidadãos, a sermos irrepreensíveis, vivendo realmente como sal e luz, a temer a Deus, a honrar o rei.

Claro que isso não é uma crença cega, porque marchamos em um ritmo diferente. Servimos ao Senhor Jesus Cristo e se as sociedades em que fomos colocados tentam nos forçar a fazer coisas que sabemos que estão erradas ou tentam nos impedir de cumprir nosso dever para com Deus, então obedecemos a Deus primeiro. Assim como as parteiras do povo hebreu se recusaram a obedecer ao rei do Egito e a matar os filhos de Israel. Assim como Raabe se recusou a obedecer ao rei de Jericó ao abrigar os profetas de Israel. Assim como Daniel e seus amigos se recusaram a se privar de orar em público e não se curvaram diante dos ídolos da época em que

foram colocados. Assim como os apóstolos, quando receberam ordens de parar de pregar o evangelho, disseram: “Não, servimos a Deus e não aos homens.”.

Marchamos em um ritmo diferente, porque Deus é um Deus de justiça. É absolutamente fundamental para o Seu caráter.

Foi Deus quem disse por meio de Amós: “Odeiem o mal, amem o bem; estabeleçam a justiça nos tribunais.” (Amós 5:15).

Foi Deus quem inspirou Miqueias a dizer: “Pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus.” (Miquéias 6: 8).

Foi Deus quem disse através do escritor de Provérbios: “Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erga a voz e julgue com justiça; defenda os direitos dos pobres e dos necessitados.” (Provérbios 31: 8-9). E sabemos que quando a palavra “pobre” é usada nas Escrituras significa alguém que está sem poder, marginalizado, sem defesa.

Provérbios 29:7 diz: “Os justos levam em conta os direitos dos pobres, mas os ímpios nem se importam com isso.”. Veja bem, é uma marca do povo de Deus se preocupar em obedecer a justiça de Deus.

Provérbios 24:11 ordena: “Liberte os que estão sendo levados para a morte; socorra os que caminham trêmulos para a matança!”.

Estes são os desafios na ética da vida hoje: os filhos ainda não nascidos perdendo suas vidas; pessoas em todo o mundo sendo eutanasiadas; o inocente sendo morto.

Temos uma responsabilidade, como o profeta Obadias disse a Edom: “No dia em que você ficou por perto, quando estrangeiros roubaram os bens dele, e estranhos entraram por suas portas e lançaram sortes sobre Jerusalém, você fez exatamente como eles.” (Obadias 1:11). Eles não oprimiram ativamente. Eles simplesmente não se manifestaram em defesa daqueles que precisavam.

Deus é um Deus de justiça. Por isso, somos chamados a ser os advogados de Cristo às pessoas oprimidas; uma voz para os sem voz, defensores dos fracos.

Quem são os impotentes e os que não têm voz hoje?

Bem, é claro, são as vítimas do tráfico de seres humanos, os escravos modernos, os necessitados de abrigo, os pobres, os marginalizados, os nascituros, os deficientes, os que têm demência ou doença mental, os que estão doentes, os que são discriminados. Precisamos ser a voz deles e seus advogados, porque a principal função do governo é proteger o seu povo.

Então, temos que contar o custo. Era caro para Wilberforce em termos de tempo, dinheiro, saúde e oposição que enfrentava. Foi caro para Daniel e seus amigos. Envolveu grande risco.

Da mesma forma, temos que lutar contra a oposição que diminui nosso entusiasmo ou nos impede de cumprir esse chamado. Porém, infelizmente, hoje grande parte dessa oposição virá de dentro da igreja. Então, precisamos estar preparados para responder a isso, mesmo que venha de forma muito bem intencionada.

Há quem diga que os governantes são responsáveis por justiça. Mas em uma democracia como a que vivemos, somos todos governantes. Somos todos responsáveis nas urnas. Todos nós temos influência. Todos nós podemos fazer alguma coisa. Todos nós teremos que prestar contas da direção de nossas sociedades no dia do julgamento como governantes.

Há quem diga que o verdadeiro trabalho da igreja é o evangelismo. Bem, é claro que o trabalho da igreja é evangelismo - proclamar o evangelho - mas a grande comissão segundo o próprio Senhor Jesus era “ir e fazer discípulos, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei.”. Por quê? Para que possam estar completamente maduros, preparados para toda boa obra. O discipulado está levando as pessoas à maturidade em todas as áreas de suas vidas, inclusive na vida pública; mostrando o senhorio de Cristo em tudo: trabalho, família e vida pública.

Há quem diga que não devemos nos envolver na política. Mas seguimos um Deus que cria reis e rainhas e os derruba, que é profundamente preocupado com a justiça, que nos pede para orarmos e estarmos sujeitos às autoridades governamentais.

Haverá aqueles que dirão: “Bem, é uma sociedade pluralista. Somos apenas uma das muitas vozes.”. Mas Roma e Grécia eram sociedades pluralistas e politeístas. O povo de Deus retraiu-se naquela época?

Há quem diga: “Bem, sim, as leis são importantes, mas as leis não mudam o coração das pessoas”. Talvez não, mas apenas leis restringem os sem coração e protegem as pessoas vulneráveis.

Há quem diga: “Você não pode legislar sobre moralidade.”. Mas toda lei influencia sobre uma moralidade ou outra. A pergunta é: “Qual é a moralidade?”. Será uma moralidade idólatra ou a moralidade de Deus?

Há quem diga: “Devemos estar envolvidos no serviço social, alcançando as pessoas e atendendo as suas necessidades.”. Absolutamente deveríamos. Nossas igrejas deveriam estar promovendo distribuição de sopa, fazendo aconselhamento sobre dívidas, evangelismo de rua e grupos de apoio a mães e a bebês. Mas também precisamos abordar as injustiças estruturais da sociedade que têm, como consequências, muitas dessas coisas.

Há quem diga: "Mas você vai apenas contrariar as pessoas.".

Sim nós vamos. Algumas pessoas serão muito contrariadas. Elas ficarão com raiva de nós. Elas podem não gostar do que estamos fazendo. Mas não é exatamente isso que Jesus nos prometeu que aconteceria se estivermos vivendo uma vida cristã obediente?

Há quem diga: “Não temos o direito de impor nossa moralidade.”. Mas não é nossa moralidade. É a moralidade do Deus do universo e não se trata de direitos. Irmãos e irmãs, temos o dever de garantir que façamos o que pudermos em uma sociedade democrática para garantir que as leis de nosso país sejam justas, assim como Wilberforce fez.

Há quem diga: “Não devemos restringir a liberdade das pessoas.”. Mas toda lei restringe a liberdade até certo ponto. É por isso que temos leis! Temos leis porque acreditamos que a autonomia não é absoluta; que deve ser contida para proteger as pessoas vulneráveis ou marginalizadas.

Depois, há quem diga: “Devemos ser conhecidos pelo que apoiamos, não apenas pelo que desaprovamos.”. Mas, quando olho para a Bíblia, vejo Deus nos dizendo para fazermos algumas coisas e não fazer outras coisas. Precisamos ser conhecidos pelo que apoiamos e pelo que não apoiamos. A moralidade está nos dois sentidos.

Portanto, nossa oração é que Deus levante uma nova geração de pessoas seguindo os passos de Wilberforce. Pessoas, como Wilberforce, que são apaixonadas pelas “doutrinas peculiares” do Evangelho. Pessoas que são generosas, que vivem de maneira simples, que dão generosamente aos necessitados. Pessoas, como Wilberforce, que são apaixonadas por missões mundiais e por levar as pessoas às margens para alcançar os perdidos. Pessoas, como Wilberforce, que são apaixonadas por justiça e se envolvem na resolução de injustiças da cidade em que foram colocadas. Pessoas, como Wilberforce, apaixonadas pelo Senhor Jesus Cristo, que seguem seus passos e que estão preparadas para carregar a cruz. Carregar a cruz

envolve servir os perdidos e os necessitados, qualquer que seja o custo para nós, financeira e emocionalmente ou em termos de tempo e de esforço. Mas carregar a cruz nesta geração também significa estar disposto a se levantar como uma voz profética para dizer a verdade que as pessoas podem achar desconfortável, mas que precisa ser ouvida, e sofrer a consequência por isso. Temos que seguir a Cristo em todas as áreas, porque estamos envolvidos em sua grande missão de construir o Reino de Deus.

Muitas pessoas hoje estão dizendo: “Devemos pregar Jesus. É tudo sobre Jesus.”. E é claro que é. Mas quando o apóstolo Paulo falou sobre seu trabalho, ele disse um pouco mais do que isso. Ele não falou apenas sobre pregar Jesus. Ele falou sobre pregar Jesus como Senhor de todo o universo e a nós mesmos como seus servos, seguindo seus passos.

Então, queridos irmãos e irmãs, vamos entender esse desafio e sermos fiéis à soberania de Deus na geração em que Ele nos colocou, enquanto olhamos para trás e nos apoiamos nos ombros de gigantes humildes como Wilberforce.